

Campanha política chega também à tribo Karajá



Santillo fez campanha política e participou dos rituais dos karajás

O Popular

Maurilio Lemes

Pela primeira vez em suas vidas, cerca de 800 índios karajás, das aldeias de Santa Izabel e de Fontoura, na parte sul da Ilha do Bananal, em Goiás, sentiram de perto o clima de uma campanha política. Na tarde de quarta-feira passada, as duas aldeias foram invadidas por um grupo de políticos de Goiás, liderado pelo senador Henrique Santillo, candidato ao Governo Goiano. Eles foram pedir votos dos índios, que também pela primeira vez vão votar nas eleições de novembro.

"Trata-se de um fato histórico. É a primeira vez que um senador da República e candidato a Governador visita a nossa aldeia", dizia o índio Idjarruri Karajá, 24 anos, candidato a Deputado Federal pelo PMDB de Goiás. Foi ele quem organizou a ida da comitiva de políticos, juntamente com jornalistas de Goiânia e Brasília, às aldeias de Santa Izabel e Fontoura, a mais de 600 quilômetros de Brasília.

Os votos

Enquanto aguardava a chegada de Henrique Santillo, na base da Força Aérea Brasileira, junto à aldeia de Santa Izabel, Idjarruri dizia contar com os votos dos dez mil eleitores que moram na Ilha do Bananal e regiões vizinhas, abrangendo índios, posseiros e até fazendeiros. Só os índios que vivem na Ilha, segundo o candidato, somam mais de dois mil eleitores, espalhados na reserva de 1.300 mil hectares, em sete aldeias — Santa Isabel, Fontoura, Kamuanã, Tapirapé, Macaúba, Boto Velho e São Domingos.

Idjarruri Karajá explicou que, caso seja eleito, pretende atuar na Constituinte sobretudo em defesa das terras dos índios. Para ele, as reservas indígenas, por enquanto, só existem no papel: "Queremos que nosso território seja de fato nosso e não como um bem alienado à União". Idjarruri acha que seu povo ainda não é reconhecido perante a lei e que não é respeitado como índio. "Que tudo isso seja levado à Constituinte", disse.

Exterminio

O candidato dos Karajás está certo de que se esses pontos não forem levados a sério na Constituinte não haverá meio de deter o extermínio total dos índios brasileiros. É um exemplo vivo desse temor de Idjarruri podia ser observado ali mesmo, na aldeia de Santa Izabel, entre os karajás à sua volta: índios marcados pela desnutrição e por doenças, numa mostra de que a dizimação continua inexorável.

Para fazer face a essa ameaça, Idjarruri espera que seja formada uma espécie de "frente indígena na Constituinte", com a eleição de todos os candidatos índios, como ele próprio, pelo PMDB de Goiás; Marcos Terena, pelo PDT do Distrito Federal; Alvaro Tucano, pelo PT do Amazonas, e Japiassu, pelo Acre.

Sangue

Para chegar a Deputado constituinte, Idjarruri diz contar não só com os votos de seu povo, na Ilha do Bananal, como também dos estudantes universitários, dos intelectuais goianos e de todos aqueles que se dizem descendentes de índios. "Está na hora dessas pessoas mostrarem que realmente têm sangue índio nas veias, elegendo os candidatos índios".

Idjarruri interrompeu sua conversa com os jornalistas para receber Henrique Santillo. Antes dele chegaram Iram Saraiva e Irupuan Costa Júnior, candidatos ao Senado.

A dança

Políticos, jornalistas e índios seguiram para a aldeia de Fontoura, onde o candidato ao Governo de Goiás foi homenageado com uma demonstração da dança de Aruanã — nome de "um peixe bonito", segundo o cacique Aritana, da aldeia de Santa Izabel, ou uma espécie de "santa dos karajás", na explicação do capitão Uadiurema, de Fontoura.

Santillo explicou aos índios, que estava ali para sentir seus problemas de perto, prometendo resolvê-los, sobretudo as questões envolvendo suas terras, de modo que tenham uma vida autônoma, segurança e que sua cultura seja respeitada. Depois, foi apresentado com um cocar de penas coloridas.

Esperança de Aritana

O cacique Aritana, rosto enrugado pelo peso dos 60 anos de idade, preparou-se a seu modo para receber Henrique Santillo, candidato a governador de Goiás. O candidato teria de visitar primeiro a aldeia do cacique, a de Santa Izabel, mesmo porque era ali que o avião ia descer, na pista asfaltada da base da Força Aérea Brasileira, em plena Ilha do Bananal.

Por isso, o cacique Aritana

se esmerou nos enfeites. Pintou o corpo com listas horizontais de tinta preta, colocou um cocar de penas rosas na cabeça; colares de contas amarelas, vermelhas, azuis e brancas no pescoço; pulseiras, e uma tanga de fios cobrindo o calção.

Assim, o cacique se manteve perto da pista, em pé e pacientemente, os olhos apertados, fixos no horizonte, à espera do avião de Santillo. Em seu íntimo, o cacique mantém uma esperança: ver eleito deputado federal o sobrinho Idjarruri Karajá.

Segundo o velho cacique, Idjarruri não está entre os "lutadores" de sua família, mas, em compensação, "ele agora está lutando contra os brancos". Aritana conta que os índios plantam de tudo — cana-de-açúcar, mandioca, arroz, feijão e outros tipos de culturas — mas o gado dos fazendeiros, colocados ilegalmente na reserva indígena, invade e destrói as plantações.

Por isso, o cacique torce pela vitória do sobrinho nas eleições de novembro, para que ele consiga impor o respeito às terras indígenas. Atento à fala do tio, Idjarruri intervém para explicar que a reforma agrária tem de começar pela garantia aos índios das terras que lhes per-



Idjarruri (D) é esperança de Aritana

ceram os aviões dos candidatos. Os aparelhos que levaram jornalistas e componentes do comitê de Santillo tiveram que pousar em São Félix do Araguaia, do outro lado do rio, e seus ocupantes fizeram a travessia em barcos motorizados, ao preço de Cz\$ 200,00 por viagem de cada lancha.

No ponto de chegada à aldeia, de barco, o rio mede cerca de 300 metros de largura, nesta época do ano, o que não chega a assustar duas meninas índias, que de roupa e tudo saltaram na água, nadaram e saíram sorridentes, com a roupa enxarcada. Elas também iam participar, depois, da recepção a Santillo, feita com grande algazarra por parte dos indígenas.

Aos gritos, os índios se empoleiraram nas carrocerias de dois caminhões, enquanto jornalistas e demais componentes da comitiva se espremiavam nas carrocerias de três caminhonetes para enfrentar 26 quilômetros de uma tortuosa e irregular estrada da ilha abaixo, até a aldeia de Fontoura, onde ocorreria a homenagem a Santillo, com a dança de Aruanã.

Numa choça denominada por eles de "Casa de Aruanã", nove índios já estavam prontos para a dança, com os rostos e os corpos cobertos por vestes de palha. Lá mulher não podia chegar — nem as índias e nem as repórteres. A explicação dada é de que elas não podia descobrir "o segredo". O capitão da aldeia, Uadiurema, bem como o candidato Idjarruri, não souberam explicar direito o significado e a origem da dança, realizada todos os anos, sem época e data fixas.

De repente, os dançarinos saem de dentro da choça saltando e cantando, balançando um chochalho com a mão direita. Eles faziam as evoluções numa roda formada pela multidão de pessoas, entre elas os índios, que se mostravam mais deslumbrados com as luzes dos refletores das equipes de televisão.

tencem. Mas faz questão de ressaltar: "A nossa luta é contra os grandes latifundiários, que oprimem não só os índios como os posseiros da região".

Com a chegada dos aviões de Iram Saraiva e de Irupuan Costa Júnior, os índios se alvoroçaram e saíram correndo pela aldeia, ostentando na cabeça, em vez dos cocares de penas, os chapuzinhos de papelão com os nomes dos dois candidatos ao Senado. Desde cedo, uma jovem Karajá, vestindo saia e blusa como qualquer "branca", rodava pela aldeia pedalando uma bicicleta enfeitada com a propaganda de Santillo.

As fotos do candidato a governador, bem como a de Idjarruri, já estavam devidamente afixadas nas paredes de palha das choças, cuja simplicidade e pobreza formavam um extremo contraste com as casas de alvenaria bem arejadas e equipadas, algumas delas com ar refrigerado, onde ficam oficiais e soldados da base da FAB. A área da base é fechada com telas, mas, pelo menos naquela tarde de quinta-feira, o portão estava aberto.

Há poucos dias, a pista da base encontrava-se interditada para receber a capa asfáltica. Por isso, ali só des-

Data: 15/08/86

Fonte: Jornal de Brasília

Class.: 232

Pg.: 2

CEEDI
Povos Indígenas no Brasil